

A RELAÇÃO ENTRE O LÓCUS DE CONTROLE E O COPING 'AÇÕES AGRESSIVAS': UM ESTUDO COM ATLETAS DO ESPORTE ESCOLAR

Marcus Levi Lopes Barbosa¹

RESUMO

O objetivo deste estudo é avaliar e discutir as relações entre as dimensões do locus de controle ('interno', 'externo – outros poderosos' e 'externo - grandes forças') e o estilo de *coping* 'ações agressivas' em atletas praticantes de esporte escolar. A amostra utilizada foi composta de 437 atletas entre 13 e 19 anos. Os instrumentos utilizados foram o "Inventário locus de controle para praticantes de atividades esportivas" e o "Inventário de *coping* para praticantes de atividades esportivas". Cuidados éticos foram observados. Todos os participantes assinaram o "Termo de consentimento livre e esclarecido". O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – sob o número 2008055. Os resultados indicam que apenas os locus de controle 'interno' ($r = -0,130$) e 'externo – outros poderosos' ($r = 0,167$) estão significativamente ($p < 0,01$) correlacionados ao *coping* 'ações agressivas'. Atletas com o locus de controle predominantemente 'interno' tendem a preferir o *coping* 'ações agressivas', já os atletas com o locus de controle predominantemente 'externo – outros poderosos' tendem a emitir o comportamento agressivo como estratégia para lidar com estresse com mais frequência. As regressões lineares indicaram que estas duas variáveis preveem 4,3% da variância do *coping* 'ações agressivas'.

Palavras-chave: Locus de controle. *Coping*. Agressão. Esporte escolar.

ABSTRACT

The aim of this study is evaluate and discuss the relationships between the dimensions of locus of control ('internal', 'external - powerful others' and 'external - luck') and coping style 'aggressive actions' in athletes in school sport . The sample was composed of 437 athletes aged 13 - 19 years. The instruments used were the "Inventário de locus de controle para praticantes de atividades esportivas" and "Inventário de coping para praticantes de atividades esportivas". Ethical guidelines were followed. All participants signed the "free and informed consent". The research project was approved by the Ethics Committee of the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS - under number 2008055. The results indicate that only the 'internal' locus of control ($r = -.130$) and 'external - powerful others' ($r = .167$) are significantly ($p < .01$)

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2003), mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006) e doutorado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é psicoterapeuta - Clínica Três Coroas e professor adjunto da Universidade Feevale. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Técnicas de Processamento Estatístico, Matemático e Computacional em Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: motivação, interesses profissionais, modelo hexagonal, atividade física e adolescente. E-mail: marcusl@feevale.br.

correlated with coping 'aggressive actions'. Athletes with the locus of control predominantly 'internal' tend to eschew coping 'aggressive actions', as athletes with the locus of control predominantly 'external - other powerful' tend to emit aggressive behavior as a strategy to deal with stress more often. Linear regressions indicated that these two variables predict 4.3% of the variance of coping 'aggressive actions'.

Keywords: Locus of control. Coping. Aggression. Sports school.

1 INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo é a relação entre o lócus de controle e a ocorrência do comportamento agressivo. O objetivo é avaliar e discutir as relações entre as dimensões do lócus de controle ('interno', 'externo - outros poderosos' e 'externo - grandes forças') e o estilo de *coping* 'ações agressivas'. Em busca de alcançar o objetivo, serão apresentadas as bases teóricas destes conceitos e evidências empíricas de sua relação.

O contexto do esporte tem se mostrado especialmente fértil para a ocorrência do comportamento agressivo. Trata-se de um contexto no qual a agressão é entendida por alguns como necessária (RUBIO, 2006). Os atletas estão constantemente em situação de prova, estão em oposição ao outro (adversário), há uma tradição militar e uma linguagem bélica (TAFAREL, 1993), há, ainda a presente e frequente frustração da derrota (RUBIO, 2006). Dito de outra maneira, o contexto do esporte competitivo é repleto de fontes de frustração e estresse, apontados por alguns autores como fontes do comportamento agressivo (DOLLARD, et al., 1939; DOLLARD, et al., 1976; MILLER, 1941).

O comportamento agressivo tem recebido a atenção de diversos pesquisadores e teóricos da psicologia. Dentre eles, destaca-se Dollard et al. (1939), com a sua importante hipótese de que a frustração causa a agressão. Ele sugere que a não obtenção de um objetivo desejado ou esperado (situação bastante comum no contexto esportivo) leva a um comportamento agressivo. A hipótese inicial de Dollard, embora bastante coerente, mostrou-se insuficiente para explicar toda a complexidade que circunda o comportamento agressivo. Ela foi repetidamente revisada (BERKOWITZ, 1962; 1969; 1989; MILLER, 1941; PARKER; ROGERS, 1981) de forma a contemplar contingências que provocariam ou inibiriam a ocorrência do comportamento agressivo diante de situações de frustração (tais como as regras, expectativas de punição, sexo dos

sujeitos envolvidos, interpretação que o sujeito faz da situação, e outros), mostrando que as situações de frustração podem desencadear diversos comportamentos, dentre os quais esta a agressão.

As situações de frustração são invariavelmente estressantes, visto que exigem adaptação do sujeito diante de uma adversidade (BALBINOTTI; BARBOSA; WIETHAEUPER, 2006; BARBOSA, et al., 2006), sendo assim, é pertinente avaliar o comportamento agressivo como uma estratégia de *coping*. As estratégias de *coping* são o conjunto de esforços cognitivos e comportamentais, ou estratégias de enfrentamento, realizados pelo indivíduo com o objetivo de lidar com as demandas, internas e externas, que são por ele avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais (FOLKMAN; LAZARUS, 1985). As estratégias de *coping* podem ser mais ou menos adaptativas. Entre as estratégias desadaptativas (também chamadas de estratégias de afastamento) está o *coping* 'ações agressivas'. Trata-se do comportamento explosivo e violento que o atleta adota quando sob estresse. O atleta xinga, grita e briga com quem está por perto, chuta o que e quem está em sua frente. Estas estratégias são consideradas desadaptativas porque, embora oportunizem a atuação das emoções negativas acumuladas, não resolvem a situação estressante, ao contrário, podem colocar o sujeito em uma situação de maior estresse do que a situação inicial (visto que vai ter que lidar com as consequências de seu comportamento agressivo). Entre as estratégias adaptativas (também chamadas de estratégias de aproximação) está o *coping* 'reavaliação da situação'. Trata-se do comportamento daquele atleta que procura repensar a situação e entender o que está acontecendo. Ele avalia a situação procurando entender o que está funcionando e o que não está funcionando, avalia o seu comportamento diante da situação, repensando a sua linha de ação do evento estressor. Estas estratégias são consideradas adaptativas porque tendem a contribuir para um

manejo mais bem sucedido da situação estressora.

Estudos posteriores às elaborações iniciais de Dollard (1939) indicaram que entre os fatores que aumentam (ou diminuem) a probabilidade de ocorrência do comportamento agressivo diante da frustração, destaca-se a explicação que os sujeitos fornecem as causas do evento frustrante (BERKOWITZ, 1989). De um lado, se a explicação fornecida pelo sujeito para as causas da frustração são internas ao próprio sujeito, o comportamento agressivo diante da frustração tende a ser menor, de outro lado, se a explicação das causas da frustração são externas, o comportamento agressivo diante da frustração tende a ser maior. Sendo assim, é pertinente incluir a variável *locus de controle* neste estudo.

O *locus de controle* tem sido estudado em diversos contextos, (KURITA, PIMENTA, 2004; DELA COLETA, 1987; OLIVEIRA, et al., 2012; MACIEL, CAMARGO, 2010) dentre os quais, o do esporte (BARBOSA, 2011). O *locus de controle* refere-se ao modo como a pessoa percebe a relação entre seus esforços e o resultado de um evento (WENZEL, 1993). Caso esta relação esteja clara para o indivíduo, diz-se que ela é internamente orientada, ao passo que quando esta relação não é clara, a pessoa tende a responsabilizar outros fatores pelo sucesso ou insucesso de determinada ação, dizendo-se que ela é externamente orientada. O construto de *locus de controle* possui diversas conceituações, ainda assim, atualmente há um relativo consenso na literatura quanto a considerar o *locus de controle* como um construto tridimensional, sendo uma dimensão interna e outras duas externas (OLIVEIRA, et al., 2012). A dimensão interna mede (a) a percepção de que o controle sobre os eventos de sua vida (tais como as vitórias e derrotas do esporte) estão no próprio sujeito (*locus de controle 'interno'*), as duas dimensões externas medem (b) a percepção de que estes eventos são controlados por outras pessoas poderosas (*'externo - outros poderosos'*), tais como treinadores, dirigentes, pais, etc. e (c) a percepção de que estes eventos são controlados pelas grandes forças do universo (*'externo - grandes forças'*), tais como acaso, azar, sorte, Deus, destino, etc. (DELA COLETA, DELA COLETA, 1996).

Estudos empíricos indicam que o *locus de controle* e o comportamento agressivo estão relacionados. Um estudo (RUSSELL, 1979), realizado com um grupo de atletas de hóquei

no gelo, mostrou que há uma relação positiva e significativa ($p < 0,05$) entre o comportamento agressivo e o *locus de controle externo*, neste grupo. Um segundo estudo (ÖSTERMAN; et al., 1999) avaliou 722 adolescentes com idades entre 11 e 15 anos. Este estudo mostrou que há uma relação positiva e significativa entre o *locus de controle 'externo - outros poderosos'* e o comportamento agressivo, nos sujeitos do sexo masculino. Um terceiro estudo com 135 universitários com idades entre 21 e 44 anos avaliou a relação entre o *locus de controle* e diversas outras variáveis concluiu que há uma relação positiva e significativa ($p < 0,05$) entre o *locus de controle 'externo - outros poderosos'* e comportamento agressivo (BANDEIRA, et al., 2005).

Com base nos pressupostos teóricos e nas evidências empíricas apresentadas as seguintes questões norteiam este trabalho: Há relações lineares significativas ($p < 0,05$) entre as dimensões do *locus de controle* (*'interno'*, *'externo - outros poderosos'* e *'externo - grandes forças'*) e o estilo de *coping* *'ações agressivas'*, em uma amostra de atletas do esporte escolar? As dimensões do *locus de controle* (*'interno'*, *'externo - outros poderosos'* e *'externo - grandes forças'*) são capazes de prever a ocorrência do *coping* *'ações agressivas'*, nesta mesma amostra de atletas? Os procedimentos metodológicos descritos a seguir tem o propósito de obter subsídios empíricos que permitam responder estas questões.

2 SUJEITOS

A amostra utilizada nesta pesquisa foi composta de 437 atletas ($n_m = 253$; $n_f = 184$), com idades de 13 a 19 anos ($\bar{X} = 15,26$; $s = 1,47$). As modalidades praticadas por eles são: futebol de campo ($n = 164$), futebol de salão ($n = 57$), vôlei ($n = 118$), handebol ($n = 59$), basquete ($n = 24$), atletismo ($n = 5$), judô ($n = 4$), caratê ($n = 1$), tênis ($n = 3$) e remo ($n = 2$) (ver mais detalhes na Tabela 1). Os critérios para inclusão na amostra foram os seguintes: (1) estar regularmente matriculado em turmas entre o último ano do ensino fundamental ao fim do ensino médio e (2) ser integrante de equipes esportivas escolares (como atividade extracurricular). Outros dois critérios (secundários) foram utilizados na seleção dos sujeitos. Tratam-se, precisamente, dos critérios da disponibilidade e acessibilidade. Esses critérios foram usados já que nas pesquisas em educação e/ou psicologia a obtenção de amostras aleatórias

pode se tornar um procedimento muito complexo e demandar um incrível esforço financeiro (MAGUIRE; ROGERS, 1989) – recursos que, no caso desta pesquisa, não estão disponíveis. A fim de evitar possíveis distorções decorrentes deste tipo de amostragem, dois cuidados foram observados: (1) o número de sujeitos na amostra obedece ao critério de Dassa (1999) para este tipo de estudo; (2) a amostra inclui escolas públicas e privadas da capital, região metropolitana e interior do estado do Rio Grande do Sul. Acredita-se que, com esses cuidados, amostra é representativa a população alvo.

3 PROCEDIMENTOS

O primeiro procedimento foi realizar um contato inicial com cada um dos diretores das escolas nas quais se pretendia coletar os dados. Esse contato teve o propósito de apresentar o projeto e seus objetivos a fim de obter a permissão da coleta de dados na escola. Obtida a permissão, foram agendadas as seções de aplicação dos instrumentos. O “Termo de consentimento livre e esclarecido”, endereçado aos pais, foi previamente enviado e recolhido pelos professores.

No que se refere ao contato com os alunos, coube um detalhamento dos procedimentos. No primeiro contato, a pesquisa, sua importância e

objetivos foram expostos. Além disto, foi assegurada a confidencialidade de suas respostas (dos jovens atletas) e o fato de elas serem analisadas somente em grupo e conforme as variáveis de controle da pesquisa (por exemplo, sexo e idade) – o que torna impossível a identificação (ou a análise inapropriada) das respostas individualizadas, caso alguém (mal intencionado) queira utilizar os resultados apresentados na versão final deste artigo com a intenção de expor os perfis individuais explorados pelos instrumentos aplicados. Após os participantes foram informados que a qualquer momento (mesmo após seus dados terem sido coletados), eles poderiam optar por não participar da pesquisa, inclusive requerendo que seus dados fossem retirados das análises finais; procedimento sublinhado por Balbinotti e Wiethaeuper (2002).

Na continuação, os sujeitos que concordaram em participar da pesquisa assinaram o “Termo de Consentimento livre e esclarecido”, que foi elaborado de acordo com os princípios de “respeito à pessoa” e da “autonomia” (GOLDIM, 2014a), “da beneficência” (GOLDIM, 2014b) e “da não-maleficência” (GOLDIM, 2014c), todos de acordo com as diretrizes da Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (2008). O TCLE e o projeto de pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da

Tabela 1 - Detalhes das distribuições das frequências dos dados descritivos da amostra

Variáveis		Sexo		Tipo de Esporte		Idades			
		M	F	Individual	Coletivo	13 anos	14-15 anos	16-17 anos	18-19 anos
Sexo	M	253	–	8	245	18	131	90	14
	F	–	184	7	177	21	96	62	5
Tipo de Esporte	Individual	8	7	15	–	1	2	8	4
	Coletivo	245	177	–	422	38	225	144	15
Idades	13 anos	18	21	1	38	39	–	–	–
	14 - 15 anos	131	96	2	255	–	227	–	–
	16 – 17 anos	90	62	8	144	–	–	152	–
	18 - 19 anos	14	5	4	15	–	–	–	19

Fonte: elaborada pelo autor

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – sob o número 2008055.

Cumprida esta etapa, os participantes responderam aos instrumentos. O tempo de testagem foi de aproximadamente 10 minutos. A aplicação foi realizada em grupo, na sala de aula, por equipe com experiência de campo em coleta de dados para pesquisa na área da Psicologia & Educação, sempre sob a coordenação de um psicólogo. O *rapport* (técnica de aplicação de instrumentos) foi cuidadosamente planejado e executado com vistas a obter níveis ótimos de padronização.

4 INSTRUMENTOS

Os instrumentos foram selecionados tendo em vista da relação entre o *locus de controle* e o *coping* ‘ações agressivas’ no contexto do esporte escolar, sendo assim, os selecionados são todos aplicáveis ao contexto da pesquisa. Os instrumentos utilizados são detalhadamente descritos a seguir.

Locus de controle. Para avaliar o ‘*locus de controle*’ utilizou-se o “Inventário *locus de controle* para praticantes de atividades esportivas” (BALBINOTTI; BARBOSA, 2008a). Trata-se de um inventário baseado na “Escala multidimensional de *locus de controle*”, de Dela Coleta (1987). A escala possui três dimensões: ‘*locus de controle interno*’, ‘*locus de controle externo - outros poderosos*’ e ‘*externo - grandes forças*’. Cada escala é composta por três itens, respondidos em uma escala de tipo Likert (LIKERT, 1932) em cinco pontos, indo de “Discordo totalmente” (1) até “Concordo totalmente” (5). As evidências da validade deste teste (a variância total explicada na análise fatorial exploratória foi de 39,71%) e consistência interna ($\alpha > 0,60$) foram exploradas por Barbosa (2011).

Estilo de coping. Para avaliar o comportamento de ‘*coping*’ foi utilizada uma dimensão do “Inventário de *coping* para praticantes de atividades esportivas” (BALBINOTTI; BARBOSA, 2008b). A dimensão utilizada neste estudo foi a ‘ações agressivas’. Para responder ao inventário, o sujeito deve numerar as ações descritas nos itens, hierarquizando, da primeira a última, a ordem que melhor representa a sua ação quando ele está sob estresse na atividade esportiva. As evidências da validade deste teste (a variância total explicada na análise fatorial exploratória foi de 48,90%) e consistência interna ($\alpha = 0,85$) foram exploradas por Barbosa (2011).

5 RESULTADOS

Descritos os procedimentos metodológicos, cabe agora apresentar os resultados obtidos a partir dos dados colhidos. Inicialmente serão apresentadas as análises descritivas e correlacionais, logo a seguir, as regressões lineares. O conjunto destes resultados permitira inferências sobre as relações entre as variáveis alvo deste estudo.

No que diz respeito às análises descritivas, a média obtida na dimensão *coping* ‘ações agressivas’ apresentou um escore médio de cerca de 3,5 pontos abaixo da média esperada. Sabe-se que os escores para as escalas de *coping* poderiam variar de 3 a 24 pontos, com média esperada de 13,5 pontos. A média observada (ver Tabela 2) é estatisticamente igual à média esperada ($t = -0,477$; $gl = 434$; $p > 0,05$).

Quanto às análises descritivas das dimensões do *locus de controle*, as médias indicam que o *locus de controle* ‘interno’ apresentou os maiores níveis nesta amostra, ao passo que o *locus de controle* ‘externo - outros poderosos’ apresentou os menores níveis. Sabe-se que os escores nesta escala poderiam variar de 3 a 15 pontos com média esperada de 9 pontos. A dimensão *locus de controle* ‘interno’ aproximou-se do limite superior, ficando apenas cerca de 2,5 pontos deste limite, os escores no *locus de controle* ‘externo - grandes forças’ aparece em segundo lugar, com escore médio pouco mais de 2,5 pontos acima da média esperada para a escala e o *locus de controle* ‘externo - outros poderosos’ apresenta os menores níveis, ainda assim, apenas 1 ponto abaixo do escore médio esperado. Os escores das três dimensões apresentaram diferenças significativas entre si ($t > |13,016|$; $gl = 437$; $p < 0,05$).

No caso das correlações, cabe salientar que 2 das 3 correlações medidas (entre os dois conceitos), apresentaram níveis altamente significativos ($p < 0,01$). O *coping* ‘ações agressivas’, apresentou correlação negativa, fraca e significativa com o *locus de controle* ‘interno’ e correlação positiva, fraca e significativa com o *locus de controle* ‘externo - outros poderosos’, indicando que há uma associação linear, de um lado direta (*locus de controle* ‘externo - outros poderosos’), e de outro lado inversa (*locus de controle* ‘interno’) com o comportamento agressivo diante das situações estressantes.

Descritos os resultados relativos às correlações, cabe agora apresentar os resultados relativos às

Tabela 2 - Estatística descritiva e intercorrelação entre o locus de controle e o coping

Variável	\bar{X} (n)	1	2	3	4
1. Coping: Ações agressivas	10,02 _(6,33)	--	-0,130**	0,167**	-0,033
2. Locus de controle: Interno	12,65 _(2,17)		--	-0,056	-0,351**
3. Locus de controle: Externo - outros poderosos	8,00 _(2,77)			--	0,196**
4. Locus de controle: G. F.	11,68 _(2,38)				--

Nota: Correlações r de Pearson.

**** correlações são altamente significativas ($p < 0,01$)**

Tabela 3 - Regressões lineares múltiplas (método *stepwise*) onde a relação causal entre as dimensões do locus de controle e o coping 'ações agressivas' são testados

Variáveis predictoras	β	T	Sig.	R	R ²	F	Sig.	Variável predita
Locus de controle 'externo - outros poderosos'	0,316	3,396	0,001	0,206	0,043	9,607	0,000	Coping 'ações agressivas'
Locus de controle 'interno'	-0,278	-2,576	0,010					

regressões lineares, que permitirão avaliar se o locus de controle é capaz de prever o comportamento agressivo. O teste (regressões lineares) foi realizado pelo método *stepwise*, com o coping 'ações agressivas' como variável predita.

Como se pode ver na Tabela 3, a regressão linear múltipla indicou que duas das três dimensões do locus de controle ('interno' e 'externo - outros poderosos') são predictoras do coping 'ações agressivas'. De um lado, o locus de controle 'externo - outros poderosos' é um preditor direto e, de outro lado, o locus de controle 'interno' é um preditor inverso. Estas duas variáveis preveem 4,3% da variância da variável alvo.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Uma vez que os resultados foram apresentados, cabe agora discuti-los. As análises descritivas mostraram que a estratégia de coping 'ações agressivas' é utilizada com uma frequência

mediana na amostra de atletas estudada. Trata-se de um resultado esperado, visto que, por um lado, o ambiente esportivo apresenta diversas características que propiciam a ocorrência do comportamento agressivo, tais como as frequentes frustrações impostas pela situação de competição (RUBIO, 2006), mas, por outro lado, apresenta diversas características que inibem a ocorrência do comportamento agressivo, tais como as regras estabelecidas e a expectativa de punições que no contexto do esporte são impostas a este comportamento (TAFAREL, 1993; RUBIO, 2006).

Uma das possíveis maneiras de interpretar este resultado é sob a perspectiva teórica do conceito de coping. Sabe-se que o coping é concebido como um processo e não como uma ação isolada (BALBINOTTI; BARBOSA; WIETHAEUPER, 2006; FOLKMAN; LAZARUS, 1985). Sendo assim, se pode pensar que, no processo de lidar com a situação estressora, os atletas podem estar tentando laçar

mão de outras estratégias de enfrentamento, antes de lançar mão do comportamento agressivo. Outras estratégias de *coping*, tais como a 'reavaliação da situação', podem fornecer ao atleta uma linha de ação alternativa às "ações agressivas". O ato de, por exemplo, reavaliar a situação, implica em uma etapa pré-ação (motora): parar para pensar a respeito do que está acontecendo. Esta estratégia (reavaliar a situação), por si só diminui a probabilidade da ocorrência do comportamento impulsivo que se pode observar quando a estratégia de *coping* 'ações agressivas' é adotada. Estudos (BARBOSA, 2011) mostram que há uma correlação negativa e significativa ($p < 0,01$) entre estas as duas dimensões de *coping* ('reavaliação da situação' e 'ações agressivas'), corroborando a ideia de que estes dois comportamentos de *coping* são, ao menos em parte, incompatíveis no campo empírico. Na prática, após ter 'reavaliado a situação' mesmo que o atleta decida realizar uma 'ação agressiva', ela não será o resultado de um impulso (comportamento impulsivo), será uma ação pensada, logo, com valor instrumental e certamente mais adaptativa.

Outro resultado que merece ser discutido é aquele relativo às análises descritivas das dimensões do locus de controle. Os resultados revelaram que o locus de controle 'interno' apresenta níveis significativamente ($p < 0,05$) superiores aos demais. Este resultado revela que estes atletas tendem a assumir que o que acontece com eles é o resultado de suas ações próprias ações. Pessoas que agem com base neste pressuposto tende a engajar-se, mais ativamente na tentativa de controlar seu comportamento (DELA COLETA; DELA COLETA, 1996). Como se pode observar nas correlações, o locus de 'controle interno' e o *coping* 'ações agressivas' estão negativa e significativamente ($p < 0,01$) correlacionados indicando que quando mais o atleta assume que o controle da situação está nele (é interno), ele tende a engaja-se mais ativamente no controle de suas ações, preterindo o comportamento agressivo. Isso está em acordo com os achados em outros contextos. Um estudo com universitários mostrou que o locus de controle interno está positiva e significativamente ($p < 0,01$) relacionado ao comportamento assertivo, em opção ao comportamento agressivo. Outro estudo, na área da saúde, mostra que pacientes com locus de controle predominantemente interno apresentam melhor desempenho em deixar de fumar, perder

peso, controlar o diabetes, controlar a pressão arterial, tomar medicações, conhecer sua doença, reabilitar-se, colaborar na diálise e na fisioterapia (STRICKLAND, 1978). O mesmo engajamento em controlar o próprio comportamento não é observado em atletas nos quais o locus de controle predominante é o 'externo - grandes forças'.

Na amostra estudada, o locus de controle 'externo - grandes forças' apresentou níveis medianos (cerca de 2,5 pontos acima da média esperada). Atletas nos quais o locus de controle 'externo - grandes forças' predomina, tendem a ter uma atitude menos engajada em mudar a situação de frustração e estresse que estão vivendo, visto que acreditam que o que acontece com eles é "obra destino", "tinha que acontecer", se dá certo "foi sorte", se dá errado "foi azar", "Deus queria que fosse assim" e assim por diante (DELA COLETA; DELA COLETA, 1996). Aparentemente, o atleta se vê impotente diante destas "grandes forças", cabe-lhe, portanto aceitar e resignar-se com o que lhe acontece. Os resultados das correlações mostram que a correlação entre este locus de controle e o *coping* 'ações agressivas' é nula e não significativa ($p > 0,05$), ou seja, não há relação entre estas duas variáveis.

O locus de controle 'externo - outros poderosos' apresentou os menores escores médios (ligeiramente abaixo a média esperada). Este resultado revela que, em média, há uma baixa tendência, nos atletas avaliados, de atribuir a outros (treinador, pais, colegas, etc.) o controle sobre o que acontece a eles. Ainda assim, cabe salientar que aqueles poucos atletas que apresentam uma predominância do locus de controle 'externo - outros poderosos' tendem a coloca-se fora da situação e estão propensos a não esforçar-se para controlar o que acontece, visto que quem está no controle não é ele, é o outro (DELA COLETA; DELA COLETA, 1996). Teoricamente, este locus de controle pode contribuir para a emissão do comportamento de *coping* 'ações agressivas', visto que quando o atleta não se engaja ativamente no controle do próprio comportamento, o impulso agressivo fica livre para se expressar, a menos que 'o outro' venha, de alguma forma (pela ameaça de punição, persuasão, pelo exercício da autoridade), inibir a sua expressão. Os resultados deste estudo indicam que o locus de controle 'externo - outros poderosos' está positiva e significativamente ($p < 0,01$) correlacionado com o *coping* 'ações

agressivas', fornecendo suporte empírico a esta afirmação. Mais ainda, estes resultados estão em acordo com aqueles encontrados por Russell (1979), Österman, et al. (1999) e Bandeira, et al. (2005).

O último resultado a ser discutido é relativo aos resultados das regressões lineares. Como esperado, visto que os resultados das correlações já apontavam nesta direção, apenas as variáveis lócus de controle 'interno' e 'externo - outros poderosos' emergiram como preditoras do estilo de *coping* 'ações agressivas'. Este resultado indica que estas duas variáveis participam de forma significativa ($p < 0,05$) do processo que leva ao comportamento agressivo diante de situações estressantes. Ainda assim, a pequena porcentagem da variância explicada pelo conjunto destas duas variáveis (4,3%) indica que há muitos outros fatores a serem considerados, visto que mais de 95% da variância da variável alvo não pode ser explicada por este modelo. O resultado está em linha com o que se pode encontrar na literatura que afirma que o comportamento agressivo é complexo, multifatorial, e sofre a influência de aspectos ambientais, culturais, genéticos, dentre outros (BERKOWITZ, 1969; DOLLARD, et al., 1939; DOLLARD, et al., 1976; MILLER, 1941; PARKER; ROGERS, 1981).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo avaliar a relação entre o lócus de controle e o *coping* 'ações agressivas', a fim de contribuir para o entendimento dos processos que levam à adoção do comportamento agressivo como forma de lidar com o estresse no contexto do esporte escolar. Aspectos teóricos e empíricos foram revisados, procedimentos teóricos realizados, dados foram colhidos e analisados. Uma vez que os resultados tenham sido apresentados e discutidos cabe agora tecer algumas considerações sobre as relações entre as variáveis estudadas.

Das três dimensões do lócus de controle avaliadas, apenas duas apresentam correlação significativa ($p < 0,01$) com o estilo de *coping* 'ações agressivas', a saber, lócus de controle 'interno' e 'externo - outros poderosos'. Atletas com o lócus de controle predominantemente 'interno' tendem a preferir o *coping* 'ações agressivas', já os atletas com o lócus de controle predominantemente 'externo - outros poderosos' tendem a emitir o comportamento agressivo como estratégia para

lidar com estresse com mais frequência. Estas duas variáveis (em conjunto) são capazes de prever a ocorrência do *coping* 'ações agressivas', entretanto, o seu poder explicativo é pequeno (4,3%).

Os resultados apresentados trazem uma pequena contribuição para o entendimento do comportamento agressivo (como reação ao estresse) no contexto do esporte escolar. As contribuições aqui apresentadas podem ser úteis a professores, treinadores e psicólogos que queiram ajudar seus atletas a lidar de forma mais adaptativa com seus impulsos agressivos diante das adversidades e frustrações próprias deste contexto. Cabe mencionar que os resultados aqui apresentados dizem respeito a uma amostra de atletas do esporte escolar do Rio Grande do Sul, logo se deve ter cuidado ao generalizar estes resultados para outros contextos da atividade física e esportiva ou outros contextos geográficos. É recomendável que outros estudos, incluindo outras variáveis e outros grupos, sejam realizados a fim de entender que variáveis contribuem (ou inibem) a ocorrência do comportamento agressivo.

REFERÊNCIAS

- BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L. **Inventário Lócus de Controle para Praticantes de Atividades Esportivas**. Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie (SIROP), Montreal, Canadá, 2008a.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BARBOSA, M. L. L. **Inventário de Coping para Praticantes de Atividades Esportivas**. Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie (SIROP), Montreal, Canadá, 2008b.
- BANDEIRA, M.; QUAGLIA, M. A. C.; BACHETTI, L. S.; FERREIRA, T. L.; SOUZA, G. G. Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, lócus de controle e auto-estima em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**. v. 22, n. 2, 2005.

- BARBOSA, M. L. L. **Autodeterminação no esporte: o modelo dialético da motivação intrínseca e extrínseca**. Tese de doutorado não publicada. (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano – PPGCMH) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Escola de Educação Física. Porto Alegre. 2011.
- BARBOSA, M. L. L.; BALBINOTTI, M. A. A.; WIETHAEUPER, D. Consistência interna e fatorial do inventário multifatorial de coping para adolescentes. **Psico-USF**, v. 11, p. 175-183, 2006.
- BARBOSA, M. L. L.; BALBINOTTI, M. A. A.; WIETHAEUPER, D.; TEODORO, M. L. M. Estrutura fatorial do Inventário Multifatorial de Coping para Adolescentes (IMCA-43). **Psico (PUCRS. Impresso)**, v. 37, p. 123-130, 2006.
- BALBINOTTI, M. A. A.; WIETHAEUPER, D. Princípios e regras fundamentais do consentimento informado: uma proposta de intervenção em psicologia. **Revista Fahrenheit 451**, v. 1, n. 3, 2002.
- BERKOWITZ, L. **Aggression: A social psychological analysis**. New York: McGraw-Hill. 1962.
- BERKOWITZ, L. **The frustration-aggression hypothesis revisited**. In: BERKOWITZ, L. (Ed.), *Roots of aggression*, Atherton Press, New York. 1969.
- BERKOWITZ, L. Frustration-Aggression Hypothesis: Examination and Reformulation. **Psychological Bulletin**. v. 106, n. 1, p. 59-73, 1989.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução MS nº 196/96**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2008. (Psicologia e Legislação nº 8).
- DASSA, C. **Analyse multidimensionnelle exploratoire et confirmative**. Montreal: Univesité de Montreal, 1999.
- DELA COLETA, M. F. Escala multidimensional de locus de controle de Levenson. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 39, n. 2, p. 79-97, 1987.
- DELA COLETA J. A.; DELA COLETA, M. F. **Escalas para medida de atitudes e outras variáveis psicossociais**. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.USP. 1996.
- DOLLARD, J.; DOOB, L.; MILLER, N.; MOWRER, O.; SEARS, R. **The hypothesis suggests that the failure to obtain a desired or expected goal leads to aggressive behavior**. Frustration and aggression, Yale University Press, New Haven. 1939.
- DOLLARD, J. et al. Frustração e agressão. In: MEGARGEE, E. I.; HOKANSON, J. E. (Orgs) **A dinâmica da agressão, análise de indivíduos grupos e nações**. EPU, EDUSP. São Paulo. 1976.
- FOLKMAN, S., LAZARUS, R. S. If it changes it must be a process: A study of emotion and coping during three stages of a college examination. **Journal of Personality and Social Psychology**, n. 48, p. 150-170, 1985.
- GOLDIM, J. R. **Princípio do respeito à pessoa ou da autonomia**. Núcleo Interdisciplinar de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/autonomi.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2014a.
- GOLDIM, J. R. **Princípio da beneficência**. Núcleo Interdisciplinar de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/benefic.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2014b.
- GOLDIM, J. R. **Princípio da não-maleficência**. Núcleo Interdisciplinar de Bioética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.bioetica.ufrgs.br/nãomalef.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2014c.
- KURITA, G. P.; PIMENTA, C. A. M. Adesão ao tratamento da dor crônica e o locus de controle da saúde. **Rev. Esc. Enferm. USP.**, v. 38, n. 3, p. 254-261, 2004.
- LIKERT, R. A Technique for the Measurement of Attitudes. **Archives of Psychology**, v. 140, p. 1-55, 1932.

MACIEL, C. O.; CAMARGO, C. Locus de controle, comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. **Rev. Adm. Mackenzie**, v. 11, n. 2, p. 168-188, 2010.

MAGUIRE, T. O.; ROGERS W. T. Proposed solutions for non randomness in educational research. **Canadian Journal of Education**, v. 14, n. 2, p. 170-181, 1989.

MILLER, B. The Frustration-Aggression Hypothesis, **Psychological Review**, n. 48, p. 337-366, 1941.

OLIVEIRA, T. H. et al. Pacientes em tratamento da dor lombar crônica têm crenças mais externalizadas: um estudo transversal. **Rev. bras. fisioter.**, v. 16, n. 1, p. 35-39. 2012.

ÖSTERMAN, K.; BJÖRKQVIST, K.; LAGERSPETZ, K. M. J.; CHARPENTIER, S.; CAPRARA, G. V. ; PASTORELLI, C. Locus of control and three types of aggression. **Aggressive Behavior**, v. 25, n. 1, p. 61-65, 1999.

PARKER, D. R.; ROGERS, R. W. Observation and performance of aggression: Effects of multiple models and frustration. **Personality and Social Psychology Bulletin**, n. 7, p. 302-308, 1981.

RUBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicol. Soc.** v. 18, n. 1, p. 86-91, 2006.

RUSSELL, G. W. Personality Dimensions of Aggression: Its Relationship to Time and Place of Action in Ice Hockey. **Human Relations**. v. 32, n. 1, p. 219-225, 1979.

STRICKLAND, B. R. Internal-external expectancies and health-related behaviors. **J Consult Clin Psychol**, v. 46, n. 6, p. 1192-211, 1978.

TAFFAREL, C. N. Z. **A formação do profissional de educação física**: O processo de trabalho pedagógico e o trato com o conhecimento no curso de educação física. Tese de doutorado não publicada. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1993.

WENZEL, S. L. Gender, ethnic group, and homelessness as predictors of locus of control among job training participants. **The Journal of Social Psychology**. v. 133, n. 4, p. 495-505, 1993.